alcoolismo: questões sobre o sintoma

Clícia Magalhães Pereira

alcoolismo e discurso capitalista

Os primeiros sinais da existência de bebidas alcoólicas são de cerca de 8.500 a.C., quando se teve notícia da produção do vinho. Em 1.500 a.C., surgiu a bebida fermentada – a cerveja. Posteriormente, os árabes começaram a produzir o primeiro tipo de álcool destilado, utilizado na produção de perfumes. Por isso a palavra álcool é de origem árabe [*alkul*] e significa "essência". A partir de então, os europeus iniciaram sua fabricação de bebidas destiladas.

Mas o consumo prejudicial e dependente, como um fenômeno social como se vê na contemporaneidade, só se inicia a partir da revolução industrial. Até aquele período de desenvolvimento econômico, o uso de bebidas alcoólicas era doméstico, sua produção artesanal e de alta qualidade. Com a industrialização, a criação de alambiques, a produção de baixa qualidade e de baixo custo com vistas ao consumo em larga escala, com alta margem de lucros, passamos a contar com o alcoolismo como um problema de saúde pública.

Em virtude desses fatores, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas é um fenômeno tipicamente ocidental, das sociedades capitalistas. Não por acaso, trata-se de um problema de saúde que consome bilhões de dólares nos Estados Unidos[1]. Nas sociedades orientais, onde o materialismo capitalista não se encontra tão acentuado, não se observa uma alta prevalência, sendo quase inexistente em algumas culturas. Os aspectos sociais (religião, costumes etc.) possuem uma influência direta sobre o consumo do álcool. Vale dizer que esse aspecto passou a ser incluído como um dos fatores etiológicos definidores do alcoolismo pela Organização Mundial de Saúde, em acréscimo aos outros dois (psicológico e físico), a partir da última década.

[1] Kaplan. *Compêndio de psiquiatria* (1993).

No Brasil, é de 25% a taxa de ocupação dos leitos em hospitais gerais por doenças decorrentes do uso de drogas e álcool. E é do nosso conhecimento que a mesma sociedade que impõe o imperativo de gozo ("Consuma!") é a mesma que despreza aquele que se droga ou que chega aos hospitais embriagado ou em abstinência, tendo convulsões, pancreatite

aguda etc. Há resistência por parte das equipes de saúde para com o atendimento ao paciente dependente de álcool e de drogas.

Mas sabemos que, para Freud, tanto quanto para Lacan, a inserção do psicanalista nas questões de seu tempo é um termo ético. É o que se pode constatar em textos como *O mal-estar na civilização*[2] e *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*[3].

[2] Freud. O mal-estar na civilização (1930/1974).
[3] Lacan. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)* (1992).

o alcoolismo como um sintoma para a medicina

Para a medicina, o alcoolismo é visto como uma doença orgânica, e assim está definido pela Organização Mundial de Saúde. E, na verdade, com o uso progressivo, típico de sua evolução, torna-se uma doença orgânica, e com muitos agravos. Provoca dependência física importante, atingindo severamente todos os órgãos do corpo.

Essas questões aproximam cada vez mais o alcoolismo da ciência médica, que já oferece vários medicamentos exclusivamente dirigidos a seu tratamento. São drogas desenvolvidas para auxiliar o paciente a parar de beber, ao gênero anti-etanol, e outros que pretendem substituir o "prazer" obtido na ingestão. A maioria deles é bastante dispendiosa.

o alcoolismo e as novas formas do sintoma

A psicanálise, por sua vez, vê a questão de uma perspectiva diversa. Para a psicanálise, o alcoolismo encontra-se situado ao lado das novas formas do sintoma – junto da toxicomania, obesidade mórbida, bulimia, anorexia etc., ou seja, como uma modalidade do sintoma que vem responder ao imperativo social de gozo.

trajetória dos conceitos sobre o sintoma

Se pretendemos abordar a questão do sintoma, é necessário fazer alguns esclarecimentos. Em medicina, o sintoma possui uma fixidez. Trata-se de um signo, ou seja, de um significante colado a um significado. Um certo sintoma sempre se relacionará a uma determinada doença. Não contamos com a equivocidade significante.

Para a psicanálise, o conceito de sintoma apresenta uma trajetória específica que vai de Freud a Lacan. Temos um primeiro conceito, o sintoma no registro simbólico, como uma metáfora, e dois outros conceitos no registro do real, no campo do gozo.

O primeiro conceito de sintoma se refere a um mecanismo substitutivo, metafórico, uma formação do inconsciente que possui estrutura de linguagem e envolve o retorno do recalcado.

Em vez de surgir aquilo que provocou o trauma, a lembrança da experiência traumática, recalcada, vê-se, por substituição, uma formação de compromisso entre a satisfação pulsional e as forças recalcadoras, como uma metáfora, entre o desejo e a defesa. E essa metáfora permite uma decifração, ou seja, uma abordagem simbólica. Estamos no campo da linguagem, no campo do sujeito do desejo. Temos a possibilidade de deslizamento, de deslocamento, há algo que pode cair.

Segundo Rodrigues[4], na língua francesa, até 1370 escrevia-se *sinthome*, e a partir de 1538, a grafia foi substituída por *symptôme*. Esta parcela da palavra – *ptôme* –, de origem grega, significa queda e se vincula ao deslizamento do sintoma, ao fato de que ele sofre alterações, e se refere também a que o sujeito, a ele submetido, cai doente.

[4] Rodrigues. O sintoma no final de análise (2002).

Os outros dois conceitos de sintoma se referem ao campo do gozo. Trata-se do sintoma como sinal de gozo e o sintoma de fim de análise como aquilo que define a singularidade do sujeito.

O sintoma no campo do gozo se relaciona ao modo como o real se impõe. Lacan insiste, no fim de seu ensino, nos anos 1970, sobre esse ponto duro, que resiste e insiste. É a chamada segunda clínica de Lacan. Em *A terceira*[5], ele diz: "Chamo sintoma o que vem do real. [...] O sentido do sintoma é o real". Em *R.S.I.* ele dirá que o sintoma é a modalidade como cada sujeito goza do inconsciente.

[5] Lacan. La tercera (1974).

o sintoma no alcoolismo

Nessa perspectiva, onde se situa o alcoolismo? O alcoolismo não é um sintoma para a psicanálise no sentido de uma metáfora. Não se trata de um pensamento obsessivo nem de uma conversão somática que, situados entre o real e o simbólico, podem ser abordados em função de sua vertente significante, com um sonho, um lapso ou outra formação do inconsciente.

O alcoolismo se articula a um gozo no corpo, que ocorre em todas as estruturas. Pode ser encontrado tanto nas neuroses obsessiva e histérica quanto na psicose. Além disso, algumas vezes, não é uma queixa do sujeito, ou seja, a demanda é do Outro, da família ou da empresa em que o paciente trabalha. O paciente propriamente, imerso em seu gozo, não quer saber do seu ato. E, ademais, as complicações clínicas, às vezes tão graves, esmagam o sujeito, dificultando até o diagnóstico estrutural.

Alguns autores se perguntam se o que ocorre é que, no momento em que o fantasma se destabilizaria e seria constituído um sintoma, se oferece ao sujeito a iniciação nas drogas. É

uma interrogação relacionada ao uso de drogas, mas que talvez possa ser relacionada ao consumo abusivo de álcool.

Nessa sociedade do gozo, tudo leva ao ato. No laço social, tudo que a cultura não permite simbolizar vai emergir em ato, ou seja, se goza lá onde não se pode simbolizar.

a ruptura com o gozo fálico

Assim, naquele momento em que o sujeito teria de se haver com questões relativas à castração, ao impossível de suportar, ele opta por utilizar de uma formação de ruptura, e não de uma formação de compromisso.

Na "Sessão de encerramento da jornada sobre cartéis da Escola Freudiana de Paris", Lacan faz uma pequena mas notável definição da droga. Na ocasião, ele desenvolvia articulações entre a angústia de castração e o casamento do falo com o corpo, e diz: "A única definição da droga é esta: ela rompe o matrimônio do corpo com o pequeno pipi".

No alcoolismo, em geral, não há ruptura com o gozo fálico, como ocorre na toxicomania. O alcoolista faz laço social, constitui família e trabalha. Mas, em casos de alcoolismo de longa evolução, muito graves, talvez possamos dizer que há essa ruptura.

algumas curiosidades sobre o delírio alcoólico e o sonho

Jean-Claude Maleval, ao realizar estudos sobre o delírio na histeria, propõe denominá-lo *delirium*. Tentando descrever essa modalidade de *delirium*, ele diz que seu melhor modelo seria encontrado naqueles quadros provocados pelas intoxicações exógenas, em que há predominância de alucinações visuais, com pouca ou nenhuma alucinação auditiva, tão freqüente nos delírios de perseguição. Há, aí, uma articulação com o sonho, ou seja, esse tipo de *delirium* histérico seria uma formação do inconsciente e poderia ser decifrado como o sintoma e os sonhos.

Um dos grandes mestres da psiquiatria clássica, o professor Ernest Charles Lasègue, psiquiatra francês que nasceu em 1816 e morreu em 1883, além de seu célebre estudo sobre os delírios de perseguição, de 1852, realizou uma série de estudos sobre o alcoolismo, pois trabalhou durante muitos anos no "Depósito Municipal de Alienados de Paris" (parece que, em Paris, depósito teria o sentido de prisão preventiva). Um desses trabalhos, publicado em 1881, possui o título "O delírio alcoólico não é um delírio, mas um sonho", em que ele faz descrições clássicas sobre o onirismo nos delírios alcoólicos. Nesse traba-

lho, diz que o *delirium tremens*, em decorrrência da predominância do aspecto visual, realiza, sem transição, a passagem do delírio dormente ao sonho acordado, conforme um mecanismo radicalmente oposto ao que havia descrito no delírio de perseguição.

Diante dessas questões, podemos nos indagar se o conteúdo desses delírios, denominados exógenos, induzidos por drogas ou álcool, não poderiam ser assemelhados àqueles das psicoses dissociativas, no sentido de uma causalidade psíquica, como o sintoma que pode ser decifrado, como uma formação do inconsciente, como os sonhos, como mais uma modalidade de manifestação do sujeito do inconsciente. Distinto da psicose, em que o delírio é uma tentativa de cura, é um *sinthome*. Então, se o sujeito delira por estar intoxicado, se a droga ou o álcool, ou mesmo uma doença, deixam seu inconsciente a céu aberto, será que o conteúdo de seu delírio, como na histeria, não pode ser compreendido em sua história de sujeito?

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1974) *La tercera*. (Versão espanhola fora do comércio.)

FREUD, Sigmund. (1930) O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XXI.

KAPLAN, Harold I. & SADOCK, Benjamim J. *Compêndio de psiquiatria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

QUINET, Antonio. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RODRIGUES, Gilda Vaz. O sintoma no final de análise. *Vorstellung*. Belo Horizonte, n.4, p.39-41, abril de 2002.

resumo

Este trabalho pretende ser o início de uma pesquisa sobre o uso prejudicial e/ou dependente de bebidas alcoólicas. Começaremos por fazer uma pequena introdução, situando o tema historicamente, em suas vinculações com o discurso capitalista. Em seguida, passaremos a algumas notícias sobre as práticas médicas até atingirmos, propriamente, o tema em questão: o sintoma no alcoolismo. Com esse objetivo, faremos uma pequena trajetória sobre o conceito de sintoma em medicina e em psicanálise. Para finalizar, relataremos algumas curiosidades e faremos indagações sobre o delírio alcoólico a partir da psiquiatria clássica.

abstract

This work has the purpose of being the beginning of a research on the harmful and/or dependent use of alcoholic beverages. We'll start with a brief introduction, setting the theme historically, with its connections with the capitalist speech. Then, we'll deal with some news on the medical practices until we properly get to the theme being discussed: the symptom in the alcoholism. With this purpose, we'll briefly discourse on the concept of symptom in medicine and in psychoanalysis. Concluding, we'll relate a few curiosities and speculations about the alcoholic delirium from the classical psychiatry.

palavras-chave

alcoolismo, sintoma, discurso capitalista, medicina, psicanálise, psiquiatria clássica

keywords

alcoholism, symptom, capitalist speech, medicine, psychoanalysis, classical psychiatry